

COM A BOCA NO MUNDO: A IMPORTÂNCIA DA PRODUÇÃO MUSICAL DE RITA LEE

Jéssica Rodrigues Araújo Cunha¹

RESUMO

Rita Lee é uma cantora brasileira que se eternizou através das décadas e hoje é conhecida como a Rainha do Rock. A rainha não está sozinha em sua carreira, pois uma figura que sempre esteve presente em suas canções é a mulher. A partir de um olhar sobre algumas de suas composições, o trabalho tem o objetivo de analisar como Rita Lee utiliza sua produção artística, não apenas como uma possibilidade de falar sobre ser mulher, mas também como um local para falar sobre outras mulheres dentro do universo *rock 'n' roll* que ainda hoje mantém o sexismo como uma de suas marcas. As questões levantadas a partir dessas análises revelam um diálogo que permite discutir questões relacionadas à desigualdade de gênero tanto dentro do rock, como também fora dele.

PALAVRAS-CHAVE: mulher; gênero; rock; música; antropologia.

COM A BOCA NO MUNDO: THE IMPORTANCE OF RITA LEE'S MUSIC PRODUCTION

ABSTRACT

Rita Lee is a Brazilian singer who has become eternal over the decades and is now known as the Queen of Rock. The queen is not alone in her career, as a figure who has always been present in her songs is the woman. From a look at some of her compositions, the work aims to analyze how Rita Lee uses her artistic production, not only as a possibility to talk about being a woman, but also as a place to talk about other women within the universe *rock 'n' roll* that even today maintains sexism as one of its brands. The issues raised from these analyzes reveal a dialogue that allows discussing issues related to gender inequality both within rock and outside it.

KEYWORDS: woman; gender; rock; music, anthropology.

¹ Sou graduada em Ciências-Sociais pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), possuo mestrado em Ciências-Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e atualmente sou doutoranda em Antropologia pela UFPel. Durante o mestrado passei a me interessar de forma mais específica pela temática de gênero, principalmente nas discussões que tinham como foco as mulheres, desta maneira a minha dissertação abordou a presença da mulher no rock a partir de uma perspectiva de gênero. Atualmente no doutorado continuo a me debruçar sobre os estudos de gênero, porém tendo o corpo da mulher como foco da minha pesquisa.

INTRODUÇÃO

A música de forma geral possui uma grande importância na cultura, ela não é apenas um entretenimento, mas é uma forma de arte, que possui um alcance muito grande, principalmente no que diz respeito a mídia de massa. Por muito tempo a música vem sendo utilizada como instrumento de reconhecimento, conhecimento e de possibilidade de expressão.

Dentro deste campo temos um gênero musical que cresce e se consolida sempre se apoiando nessa tríade de reconhecimento, conhecimento e expressão, o *rock 'n' roll*. O estilo começa a surgir no final da década de 40 nos Estados Unidos, e se constitui como parte de um movimento de contracultura na década de 60. A contracultura é considerada como uma forma de opor-se à cultura dominante em determinado momento ou época, no qual o rock esteve presente desde seu início (PEREIRA, 1988). O movimento se posicionava contrário ao que considerava imposições, criando novas maneiras de relacionar-se com o mundo e a sociedade:

(...) que incluem a crítica direta de determinadas instituições sociais, mas também a rejeição cultural mais espontânea (ou menos elaborada) de um modo de viver associado com a dominação e a opressão. A contracultura, por exemplo, rejeitou muitos mitos e símbolos da sociedade do status quo e criou outros novos para representar um outro modo de vida possível. (ADELMAN, 2009, p.28)

Essa rejeição é de certa forma parcial, o que fica evidente quando muitos aspectos moralizantes relacionados à mulher continuavam a se reproduzir, como na cultura hegemônica, no qual esses jovens se posicionavam contra. E exatamente nesta rejeição de mitos e símbolos que é possível ver como o *rock* foi “seletivo” sobre o que mudava e o que continuava igual:

De fato, a contracultura – que antecedeu a reemergência do movimento feminista – se mostrava muito contraditória em relação às questões de gênero. Por um lado, as novas formas de sociabilidade que propunha incorporavam mudanças importantes, na medida que forneciam uma crítica ou uma prática diferente da família nuclear convencional (que se baseava em papéis de gênero relativamente rígidos) e rejeitavam a “moral sexual burguesa”. Por outro, dentro das novas comunidades, as mulheres tendiam a

executar funções “domésticas” e, em matéria de sexualidade, gerava-se muitas vezes uma pressão para atender os desejos sexuais dos homens, independentemente dos seus. (ADELMAN, 2009, p.53)

Apesar dessa oposição ao hegemônico e estabelecido, algumas questões permaneceram inalteradas, como o sexismo e a desigualdade de gênero. E esta faceta fica visível quando pensamos em algumas das maiores bandas da década de 70, que traziam em suas músicas e performances, misoginia, agressividade sexual e virilidade como características essenciais para se fazer rock. O *cock rock*, como ficou conhecido, tem como bandas representantes Led Zeppelin, Aerosmith, AC/DC, entre outras. As principais características desse estilo envolvem a marcante presença da virilidade, masculinidade e letras misóginas.

O *cock rock* mesmo sendo uma categoria que surgiu para falar de artistas da década de 70, também pode ser usado para falar de bandas e artistas que surgiram após esse período. Por se tratar de uma categoria ainda pouco utilizada, ela não possui uma definição fechada de quem poderia ou não corresponder a esse estilo, porém é possível elencar esses artistas a partir da definição principal do *cock rock*, a misoginia e a virilidade. Sendo assim, bandas como KISS (1973), Motley Crüe (1981), Guns N’ Roses (1985) também podem ser colocadas nesse grupo.

O curioso na definição dessa categoria é a sua faceta intercambiável, ou seja, ela não está situada em apenas um subgênero do rock, como foi citado anteriormente, bandas de sonoridade diferentes podem ocupar essa mesma categoria. Isto levanta ainda mais questões, pois a principal característica está nessa fonte de virilidade e misoginia, algo que está presente quase que em toda a totalidade do rock *mainstream*, que dialoga diretamente com uma visão masculinista e misógina.

Não apenas pelo que foi citado anteriormente, o rock se tornou um espaço predominantemente masculino e excludente para as mulheres. A história do rock, assim como a História, possui muitas lacunas e figuras que foram invisibilizadas e apagadas no decorrer do tempo.

Um exemplo mais do que necessário desse processo de apagamento é Sister Rosetta, uma guitarrista e cantora gospel que alcançou sucesso nas décadas de 1930 e

1940. Sister Rosetta foi uma mulher negra, estadunidense, cantora e guitarrista que teve uma carreira de relativo sucesso, e que desenvolveu um estilo de tocar que veio servir de influência para diversos artistas que ajudaram a criar o rock. Porém a artista só começou a ser reconhecida como uma figura essencial na construção do rock nos últimos anos. O seu apagamento não se dá apenas pelo fato dela ser uma mulher, mas de ser uma mulher negra em um país declaradamente racista, vide leis de segregação racial vigentes no momento em que sua carreira era construída.

Essa pequena introdução sobre a dinâmica presente na construção do rock, que segue uma lógica masculinista e excludente, possibilita uma melhor compreensão sobre a importância que a artista Rita Lee desenvolveu no decorrer das décadas de sua carreira. A produção artística é o ponto central de análise do artigo, que se ocupa em investigar como as performances e composições da artista se destacam e se mostram necessárias em um contexto em que a mulher é relegada.

A OVELHA NEGRA DA MÚSICA BRASILEIRA

Rita Lee Jones nasceu em São Paulo no dia 31 de dezembro de 1947, filha de Romilda Padula e Charles Fenley Jones, caçula entre três irmãs de sangue e de duas de coração, cresceu em uma casa rodeada de influências femininas. Durante o colégio, encantada pelo quarteto inglês, *The Beatles*, Rita resolveu juntar um quarteto só de meninas e montar uma banda chamada, as *Teenage Singers*. Mais para frente o grupo de garotas conheceu um grupo de rapazes que também faziam *rock*, os *Wooden Faces*, que era então formado pelos irmãos Sérgio Dias, Arnaldo Baptista e Cláudio Baptista Dias, junto também estavam Raphael e Tobé. A primeira tentativa de juntar as duas bandas fracassou e acabou culminando na saída de alguns integrantes dando início a uma nova banda, O'seis. A banda acaba e em 15 de outubro de 1966 fazem a estreia como *Os Mutantes* no lançamento do programa do também cantor, Ronnie Von. Problemas começaram a surgir entre os três integrantes, no ano de 1972, Rita é levada a deixar a banda.

Superando essa fase, Rita forma uma nova banda, “Rita Lee & Tutti-Frutti”, o nome foi escolhido dessa forma pela gravadora porque ela, Rita, já possuía um nome conhecido no meio musical. Porém mesmo num novo ambiente, onde ela era a figura mais popular, Rita sentiu mais uma vez o fato de ser mulher no rock. Depois da primeira tentativa de lançar um disco ter terminado em fracasso, Rita relata que ouviu uma série de “conselhos” por parte da gravadora, principalmente de André Midani chefe da gravadora PolyGram, onde a artista diz com suas próprias palavras:

A fim de domar minhas futuras rebeldices, convocou uma mesa redonda junto a “peritos” de várias áreas do entretenimento para delinear a futura imagem e semelhança da próxima sensação da gravadora: eu. (...) Escutei opiniões de como me vestir, o que falar, o que cantar, como me comportar, quais compositores escolher, enfim, antes que sugerissem pra quem eu deveria dar o rabo, me levantei, antipática: ‘Enquanto vocês se masturbam como a minha vida, eu vou ao banheiro queimar um baseado, alguém tá a fim?’ (LEE, 2016, p.133)

A tentativa de frear suas “rebeldices” é também uma forma de trazer à tona uma naturalização da subordinação feminina, já que as atitudes da artista naquele momento não condiziam com o que se era esperado de uma mulher, isto é, submissa:

Esta naturalização também age para “suavizar” a violência simbólica implícita na subordinação. Ela está encoberta por “vínculos afetivos” e supostas formas de valorização do feminino que na verdade reduzem simbolicamente as mulheres ao “eterno feminino” – a essa posição de Outra, como tão lucidamente argumentou Simone de Beauvoir, que permite que as mulheres sejam idealizadas como musas cuja “beleza” inspira a vida, a obra e a arte masculinas, mas não possibilita que sejam criadoras do seu próprio destino, vida ou arte. (ADELMAN, 2007, p.46)

Os “vínculos afetivos” podem ser vistos nesse caso, como a suposta preocupação com a imagem da artista, enquanto que no campo do real os envolvidos estariam mais preocupados com a possibilidade de capitalizar através da imagem da artista, por isso a tentativa de fazer a artista se comportar, vestir e compor de uma maneira que atendesse a essa lógica de subordinação que coloca a mulher como um objeto. Ou seja, a sua personalidade e autonomia sofrem uma tentativa de anulação por aqueles que acham

que detém poder sobre ela. Isso acontece pelo imaginário² do rock como um ambiente que está intimamente ligado aos ideais de poder, força, agressividade, resistência física e poder, essas características são socialmente e culturalmente opostas ao ideal do que é ser feminino, pois essa carrega características como, sensibilidade, suavidade e afetividade (GOMES, 2017, p.41).

A masculinidade, como comportamento ao se fazer rock, dialoga com o conceito de masculinidade hegemônica (CONNELL, 2016). Pois ter “culhões” e todas as outras características essenciais ao se fazer rock – segundo os homens, que são a maioria quando se fala em poder e representação neste contexto - está relacionada à construção de uma masculinidade que educa e forma meninos para serem fortes, destemidos e agressivos, enquanto as mulheres ficam do lado oposto, ocupando uma esfera sensível, delicada e maternal. A forma como o homem define a mulher, sempre é em total oposição ao homem, de tudo que corresponde a ele e sua constituição, como cita Simone de Beauvoir (2016) nenhum homem consentiria em ser uma mulher, mas todos eles desejam que haja mulheres, pois o homem só se define a partir da oposição com a mulher.

O reflexo dessa construção binária pode ser vista na frequência em que mulheres são associadas a instrumentos que necessitam de leveza e sutileza, como piano, flauta e violino (GOMES, 2017), o que as afasta de instrumentos que tendem a ser ligados a essa “resistência física” que é associada aos homens, como bateria e guitarra.

UMA CORISTA DE ROCK NO BRASIL

No ano de 1975 é lançado o disco que é considerado o divisor de águas para o *rock* brasileiro, “Rita Lee & Tutti-Frutti – Fruto Proibido”. Rita Lee escreveu algumas faixas, sozinha e outras com integrantes da banda e amigos. “Esse tal de roque enrow”,

² O ato de significar e simbolizar as diferentes coisas, relações e dinâmicas é o que constrói esse imaginário (DURAND, 2004).

foi escrita por ela e Paulo Coelho³, a letra possui uma crítica subjetiva sobre a relação entre o rock e a mulher, evidenciando o medo e a desconfiança de se ter uma mulher envolvida com o estilo musical.

Ela nem vem mais pra casa, doutor, ela odeia meus vestidos
Minha filha é um caso sério, doutor
Ela agora está vivendo com esse tal de Roque Enrow!
Roque Enrow, Roque en...

Ela não fala comigo, doutor, quando ele está por perto
É um menino tão sabido, doutor, ele quer modificar o mundo
Esse tal de Roque Enrow, Roque Enrow

(...) Ela não quer ser tratada, doutor, e nem pensa no futuro
A minha filha está solteira, doutor
Ela agora está lá na sala com esse tal de Roque enrow
Roque enrow, Roque em...

(...) Ela dança o dia inteiro, doutor e só estuda pra passar
E já fuma com essa idade
Doutor, desconfio que não há mais cura
Pra esse tal de Roque Enrow (é ele)
Roque Enrow (quem?)
Roque Enrow (LEE, 1975)

A música foi lançada no ano de 1975 e fica muito evidente em vários trechos a crítica que a artista faz sobre as normas moralizantes que cercam as mulheres daquele período, de um Brasil conservador. Isso fica explícito quando a narradora, que neste caso é a mãe da moça afetada pelo “roque enrow”, descreve de forma bem humorada o comportamento da filha a um terapeuta, explicando como a filha faz tudo contrário daquilo que a sociedade esperava de uma mulher, como por exemplo, o casamento, a busca por um futuro estável, uma formação e a desconfiança de que ela uma jovem estivesse passando muito tempo fora de casa envolvida com algo “estranho”. Todo o estranhamento aqui se dá através de uma perspectiva moralizante, que comumente é reproduzida pela sociedade.

Uma das primeiras providências dos regimes autoritários é restringir a liberdade de expressão e opinião, trata-se de uma forma de dominação pela coerção, limitação ou

³ Paulo Coelho de Souza (1947) é um escritor, letrista e jornalista brasileiro.

eliminação das vozes discordantes (REIMÃO, 2014). E foi durante o ano de 1974, que Rita passa a sentir de forma mais próxima a força da censura do regime militar ditatorial que estava vigente desde o ano de 1964 no Brasil.

O que é interessante destacar aqui, é que Rita foi a artista com mais letras censuradas pelo regime. Além de ter que comparecer por diversas vezes para prestar conta ao departamento responsável por avaliar e definir o que poderia ou não ir para as lojas, para justificar suas letras, a censura chegou a riscar seus discos antes de irem para as lojas, danificando as faixas que eram consideradas problemáticas pelo seu conteúdo muitas vezes contestatório ou simplesmente irônico, pois o mesmo comportamento que pode ser uma infração das regras num momento, pode não ser em outro, pode ser uma infração quando cometido por uma pessoa, mas não quando cometido por outras (BECKER, 2008).

Rita sempre foi um ponto fora da curva no contexto em que construiu sua trajetória, e a sua atitude incomodava aqueles que eram os empreendedores morais da sociedade brasileira. Os empreendedores morais são aqueles que são os produtores de regras, eles são divididos em duas categorias, os que criam as regras e os que impõem as regras. (BECKER, 2008). Dentro desse contexto da sociedade brasileira essas duas categorias de empreendedores morais encontram-se unidos:

No Brasil, durante a ditadura militar (1964-1985), e destacadamente a partir da Constituição outorgada de 1967, a censura oficial do Estado em relação a filmes, peças teatrais, discos, apresentações de grupos musicais, cartazes e espetáculos públicos em geral era exercida pelo Ministério da Justiça (MJ) por meio do Serviço de Censura de Diversões Públicas (SCDP), setor do Departamento de Censura de Diversões Públicas (DCDP). A partir de 1970, livros e revistas também passaram a ser examinados pelo SCDP-DCDP. (REIMÃO, 2014, p.75)

Dessa forma, Rita constitui-se como uma *outsider* dentro da sociedade brasileira daquele período:

Desse ponto de vista, o desvio *não* é uma qualidade do ato que a pessoa comete, mas uma consequência da aplicação por outros de regras e sanções a um “infrator”. O desviante é alguém a quem esse rótulo foi aplicado com sucesso; o comportamento desviante é aquele que as pessoas rotulam como tal. (BECKER, 2008, p.22)

Ou seja, Rita não era uma desviante simplesmente por ser quem era e pelo que cantava, mas porque alguém a rotulou como um ser desviante da sociedade daquele período, no caso o Estado e seus mecanismos de censura. Portanto ela era assim considerada, desviante, a partir das reações causadas em outras pessoas, a partir de suas atitudes. (BECKER, 2008)

No ano de 1979 passa fazer parceria com seu atual marido, Roberto de Carvalho, e agora Rita passa a explorar em suas letras um tema que até hoje é considerado delicado para uma mulher expressar publicamente, sua sexualidade. No disco de 1979, intitulado de “Rita Lee”, suas composições falam muito do desejo da mulher, do prazer que ela busca. Esses temas ficam bastante evidentes em algumas músicas e em outras aparece de forma quase que subliminar como no caso da música, “Doce vampiro”:

Venha me beijar
Meu doce vampiro
Ou, ou
Na luz do luar

Venha sugar o calor
De dentro do meu sangue
Vermelho
Tão vivo, tão eterno
Veneno

Que mata sua sede
Que me bebe quente
Como um licor
Brindando a morte
E fazendo amor
(...), mas nada disso importa
Vou abrir a porta
Pra você entrar
Beija a minha boca
Até me matar de amor! (LEE, 1979)

A forma sutil como ela fala do desejo sexual entre dois amantes⁴ fica bastante evidente quando ela diz que seu “doce vampiro” aparece para “sugar o calor” do seu corpo, uma analogia sutil ao ato sexual entre os dois. Além de demonstrar a agência

⁴ “Amantes” é aqui empregado como forma de exemplificar o desejo entre dois sujeitos. A expressão usada nada tem a ver com infidelidade.

que ela possui, pois ela deseja e para poder saciar esse desejo, vai “abrir a porta” para o seu amante entrar e corresponder a esses desejos.

Já na música, “Mania de você”, presente no mesmo álbum de 1979, toda essa busca por prazer é apresentada de forma muito mais clara, como podemos ver a seguir:

Meu bem, você me dá água na boca
Vestindo fantasias, tirando a roupa
Molhada de suor de tanto a gente se beijar
De tanto imaginar loucuras

A gente faz amor por telepatia
No chão, no mar, na lua, na melodia
Mania de você
De tanto a gente se beijar
De tanto imaginar loucuras

Nada melhor do que não fazer nada
Só pra deitar e rolar com você
Nada melhor do que não fazer nada
Só pra deitar e rolar com você

(...) A gente faz amor por telepatia
No chão, no mar, na lua, na melodia
Mania de você
De tanto a gente se beijar
De tanto imaginar loucuras

(...) Rolar, rolar, rolar, rolar com você
Rolar, rolar, rolar, rolar com você. (LEE, CARVALHO, 1979)

Nessa sua composição, ela explora livremente os desejos de uma mulher. O que merece destaque nessa composição é a agência que a mulher possui, é a sua atitude em levar a público as vontades que uma mulher pode sentir e desejar, é desfazer a ideia de que o sexo e o prazer é algo que pertence aos homens. Ela demonstra que o sexo pode ser buscado pela mulher com o objetivo do prazer, já que na sociedade brasileira ainda pairava – e paira – sobre o ar, certa moralidade relacionada ao sexo e a mulher:

Mas em todo caso, é o casamento o único lugar “sadio” para a prática da sexualidade, definida por um “prazer comedido – nem excessivo e nem ausente -, que garante a reprodução da espécie e não ameaça a integridade do corpo”. É essa a ideia de higienização que vai construir uma organização dos

espaços nas cidades brasileiras do século XX, (...). (CIPRIANO, 2002, p. 223)

Rita vem a todo momento dialogando com as experiências de ser mulher, seja de forma bem-humorada ou em tom de crítica. Um dos pontos mais importantes dessa análise é entender como ser mulher influencia diretamente com a produção artística e criativa de Rita. A artista usa sua agência, que independente da forma que é tomada, nunca é dada de forma ocasional, isto é:

Mas os indivíduos/pessoas/sujeitos sempre estão inseridos em teias de relações, de afeto ou de solidariedade, de poder ou de rivalidade, ou, muitas vezes, em alguma mescla dos dois. Seja qual for a “agência” que pareçam “ter” como indivíduos, na verdade se trata de algo que é sempre negociado interativamente. Neste sentido, nunca são agentes livres, não apenas no sentido de que não têm liberdade para formular e atingir suas próprias metas em um vazio social, mas também no sentido de que não tem capacidade de controlar completamente essas relações para seus próprios fins. Como seres sociais – fato verdadeiro e inescapável –, só podem atuar dentro de muitas teias de relações que compõem seus mundos sociais. (ORTNER, 2007, p.74)

Mesmo que as mulheres assumam uma agência de caráter subversivo, ainda assim, as escolhas delas de subversão a partir desta agência estará atrelada a uma constituição de trajetória anterior. Além disto, a agência não pode ser tratada de forma isolada numa análise, isto porque ela não existe de forma independente, mas faz parte de uma estrutura. O que irá diferenciar a forma como esta será desempenhada por um sujeito, está ligada, como cita Ortner (2007) a questões culturais e historicamente construídas. No exemplo apresentado no texto, artista desenvolve uma agência de oposição (ORTNER, 2007), isto é, de enfrentamento.

Essa agência de enfrentamento, envolvida na produção é de extrema importância, ainda mais pelo caráter subversivo que ela adota em um ambiente amplamente masculino, que nega a existência das mulheres, vide apagamento da artista Sister Rosetta. E esse apagamento é muitas vezes tratado como “natural”, isto porque o mundo é universalmente tratado como próprio dos homens. Durante a década de 90, musicólogas feministas passaram a fomentar os primeiros debates sobre as metáforas de gênero na teoria e análise musical, mostrando como estão repletas de metáforas sexuais

que refletem majoritariamente uma visão masculina de mundo (GOMES, 2017), como sendo universal e normativo.

Mas esse tipo de visão masculina não fica restrita apenas a área da música, ou da arte, ela também pode ser encontrada na linguagem, na educação, na ciência e entre tantas outras áreas de conhecimento e saber da sociedade. E essa naturalização da visão masculina como sendo a “oficial”, vem sendo debatida dentro de várias áreas de conhecimento, principalmente no que diz respeito à escrita e a fala:

(...) considerada universal, ou seja, quando se queria dizer que as pessoas são curiosas, por exemplo, dizia-se de forma genérica “o homem é curioso”. Aqui, a palavra homem pretendia incluir todos os seres humanos. Até hoje, é muito comum na nossa fala ou na escrita, quando nos referimos a um grupo de pessoas, mesmo sendo em sua grande maioria mulheres, mas tendo apenas um homem presente, usamos o termo plural no masculino. (PEDRO, p.80, 2005)

Isto ocorre porque, segundo Beauvoir (2016) a mulher é entendida como um ser incompleto, ao contrário do homem, que se constitui como um indivíduo absoluto:

O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos "os homens" para designar os seres humanos, tendo-se assimilado ao sentido singular do vocábulo vir o sentido geral da palavra homo. A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade. (BEAUVOIR, 2016, p.11).

Ademais a categoria “homem universal” não inclui todas as mulheres e as questões que a formam (PEDRO, 2005), mais do que isso, além da categoria “homem” não as incluir, essa categoria colabora com um movimento de apagamento das mulheres e suas questões. Apesar da mulher não ser vista como sujeito universal, a categoria mulher também é tratada de forma universal e simplista, pois esta definição é condicionada a partir de uma visão eurocêntrica e ocidental, que como cita Audre Lorde (2019), nos condiciona a ver as diferenças humanas segundo uma oposição reducionista: dominante/subordinado, bom/mau, superior/inferior, ou seja, as outras variáveis envolvidas acabam sendo ignoradas – idade, religião, classe social, etnia, cor - que influência diretamente no que é ser mulher. O binarismo idealiza uma identidade

feminina, que repousa em ideais moralistas, onde automaticamente as coloca em um mundo de oposições onde passa a existir duas categorias de mulheres, as boas e as ruins.

Sendo assim, apresentar a partir das músicas uma das várias possibilidades de viver como uma mulher demonstra a importância da sua trajetória musical, não apenas como artista, mas como uma mulher atuante e questionadora.

AS MULHERES DE RITA LEE

A artista escreveu durante a sua carreira, diversas músicas que trazem como protagonistas grandes mulheres – principalmente brasileiras – que construíram durante sua trajetória uma identidade forte, que na grande maioria das vezes encontravam-se fora da linha do que seria ou não aceitável para uma mulher.

A forma como a artista se vale da música como possibilidade de trazer visibilidade para outras mulheres é o ponto central deste tópico. Rita utiliza-se de sua capilaridade artística e midiática como forma de mostrar ao público outras mulheres.

Em 1975, no álbum “Fruto Proibido, junto com a banda Tutti-Frutti lança a música intitulada, “*Luz del fuego*”:

Eu hoje represento a loucura
Mais o que você quiser
Tudo que você vê sair da boca
De uma grande mulher
Porém louca!

Eu hoje represento o segredo
Enrolado no papel
Como luz del fuego
Não tinha medo
Ela também foi pro céu, cedo! (LEE, 1975)

A música que traz como título o nome artístico de Dora Vicacqua, e toca de forma sutil sobre como a mulher é vista na sociedade quando se coloca como aquela que não obedece a determinados padrões e normas. Dora Vivacqua, mais conhecida como *Luz del Fuego* foi uma dançarina, naturista, atriz, escritora e vêm sendo considerada por muitas como uma das primeiras feministas do país. Nasceu em 1917 e foi assassinada

em 1967, com 50 anos, fato esse que Rita expõe na música quando diz que “*ela também foi pro céu, cedo!*”, fato esse que a artista de forma inteligente usa para falar sobre como a sociedade encara uma mulher que ousa estar fora dos padrões morais. *Luz del Fuego* se tornou uma estrela em suas apresentações de dança que eram acompanhadas de jiboias que ela mesma treinava, porém antes disto sofreu abuso sexual de seu cunhado e foi culpada por isso, resultando em sua expulsão da casa da irmã. Em 1950 já defendia o divórcio – vinte anos antes de ser instituído no país – além de defender a liberdade da mulher em diversos outros campos. Foi uma mulher que conseguiu alcançar um determinado tipo de influência – a dançarina teve alguns casos com deputados – e com essa possibilidade conseguiu abrir o primeiro clube naturista da América Latina no estado do Rio de Janeiro, na ilha Tapuama de Dentro que depois foi rebatizada pela dançarina com o nome de Ilha do Sol. Seu nome não é conhecido hoje por um público muito grande, porém a artista ao homenagear outra mulher dessa forma, permite que outras gerações de mulheres possam conhecer e se interessar pela trajetória desta mulher que é considerada hoje como uma das precursoras do feminismo no Brasil.

Não só essa, mas outras foram homenageadas por Rita, e mais do que uma homenagem Rita usa sua música como um espaço de recontar uma história e não deixar a memória de muitas artistas que foram apagadas desapareça por completo. Além de toda a importância que foi citada anteriormente, sua música fala de forma debochada sobre como a mulher é vista, como acontece na música *Elvira Pagã*, presente no álbum de 1979, que leva no seu título o nome da dançarina, atriz, cantora, compositora e vedete, Elvira Olivieri Cozzolino (1920 – 2003), mais conhecida pelo pseudônimo de Elvira Pagã. Ela foi uma mulher que trabalhava com a sensualidade e foi a primeira mulher a usar biquíni na praia de Copacabana. A música que leva seu nome é cheia de referências, mais uma vez, sobre a forma como a mulher é vista e a crítica vem em tom de deboche:

Todos os homens desse nosso planeta
Pensam que mulher é tal e qual um capeta
Conta a história que Eva inventou a maçã
Moça bonita, só de boca fechada,

Menina feia, um travesseiro na cara,
Dona de casa só é bom no café da manhã

Então eu digo:
Santa, santa, só a minha mãe (e olhe lá)
É canja-canja,
O resto põe na sopa pra temperar! (LEE/CARVALHO, 1979)

Ela inicia a música com o teor que irá seguir até o fim, apontando a forma como os homens pensam das mulheres, colocando aqui uma ideia de que estes restringem as mulheres a uma única categoria, ignorando todas as subjetividades que cada indivíduo possui e que é indispensável na sua construção. Ela aponta no trecho da música citada anteriormente, as separações feitas pelos homens quando se trata de mulher. Para mais, coloca também a ideia da mulher como impura, sendo que esta crítica fica evidente no trecho, “*Conta a história que Eva inventou a maçã*”, que traz o mito do criacionismo e da mulher como sendo a única responsável pela criação do pecado e com isso a expulsão do paraíso.

Além destas que foram citadas, Rita Lee possui outras letras que carregam essa preocupação de exaltar mulheres brasileiras que foram figuras importantes para debates sobre, liberdade e igualdade. Suas letras acompanham as transformações do mundo e da sua história, a artista fala de mulheres que tiveram grande importância, mas que não obtiveram um grande reconhecimento, e ela enquanto uma artista de grande repercussão, expressa em seu trabalho o papel que o gênero desempenha na sua vida e na vida de outras mulheres, famosas ou anônimas. O trecho da música, “*Todas as mulheres do mundo*” revela de forma mais clara a tentativa da artista de falar sobre mulheres e as tantas categorias que as são designadas:

Elas querem é poder!
Mães assassinas, filhas de Maria
Polícias femininas, nazijudias
Gatas gatunas, kengas no cio
Esposas drogadas, tadinhas, mal pagas

Toda mulher quer ser amada
Toda mulher quer ser feliz
Toda mulher se faz de coitada
Toda mulher é meio Leila Diniz

(...)

Nossa Senhora Aparecida, Dercy Gonçalves, Clarice Lispector, Carmem Miranda, Marília Gabriela, Hebe Camargo, Regina Casé e Elis Regina Lillian Witte Fibe, Norma Bengell, Bibi Ferreira, Maria Bonita, Anita Malfatti Magdalena Tagliaferro, Danuza Leão, Nara Leão, Fernanda Montenegro, Wanderléa, Sonia Braga, Luiza Erundina, Dona Canô, Princesa Isabel, Joyce Pascowitch, Lonita Renaux, Virginia Lane, Virginia Lee, Mary Lee, Liège Monteiro, Lucinha Araújo, Balú, Caru, Pagu, Matilda Kovak, Zélia Gattai, Angela Diniz, Daniela Perez, Cláudia Lessin, Aida Curi, Elvira Pagã, Luz Del Fuego, Bruna Lombardi, Hortência, Claudete e Ione, Silvia Poppovic, Vania Toledo, Laura Zen, Minha Mãe, Roberta Close, Mônica Figueiredo, Ruth Escobar, Dolores Duran, Rebordosa, Dora Bria, Tizuka Yamasaki, Tomie Ohtake, Rita Camata, Rita Cadillac, Lúcia Turnbull

E eu e eu e eu, eu, eu, eu. (LEE, 1993)

Rita Lee utiliza suas músicas não apenas para falar de si, ou de outros assuntos, mas também como palco de reconhecimento de outras figuras femininas importantes, além de constituir um importante instrumento de representação feminina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Rita Lee tem a inquietação como marca da sua trajetória, o trabalho da artista e o seu pioneirismo no Brasil se reverbera ainda hoje no cenário musical brasileiro, o que pode ser visto na forma como artistas que sugeriram posteriormente a ela citam a cantora como um ícone. Sua influência sempre está presente em artistas da nova geração seja por regravações ou participações. As artistas Pitty⁵, Letrux⁶ e Céu⁷ são algumas que

⁵ Priscilla Novaes Leone, mais conhecida pelo nome artístico Pitty, é uma cantora, compositora, produtora, multi-instrumentista e escritora baiana. Alcançou destaque nacional ao lançar o disco “Admirável chip novo” em 2003. Se consolidou como referência no rock nacional e hoje é um dos principais nomes da música brasileira. A cantora gravou em 2014 a canção “Agora só falta você” do álbum Fruto Proibido de 1975 para a abertura da novela adolescente “Malhação” da Rede Globo, além disso Pitty já se apresentou ao vivo com Rita Lee. Disponível em:<<http://gshow.globo.com/novelas/malhacao/2014/malhacao-em-construcao/noticia/2014/06/pitty-regrava-musica-de-rita-lee-para-abertura-de-malhacao-assista-o-making-of.html>>

⁶ Leticia Pinheiro de Novaes, artisticamente conhecida pelo nome Letrux, é uma cantora, atriz, escritora e compositora carioca. Despontou no cenário musical no ano 2000, quando ainda fazia parte da banda Letuce, juntamente com Lucas Vasconcelos. Letrux vem se destacando como uma artista experimental, marcado pelo rock e o psicodélico. Em 2020 lançou o álbum colaborativo “Acorda Amor”, que conta com outros nomes da nova música brasileira. O disco é uma homenagem a grandes artistas da música brasileira, que conta com uma gravação de Letrux para a música “Saúde” de Rita Lee e Roberto de

optaram por homenagear Rita a partir de regravações. Outra amostra de sua influência se dá pelo convite feito pelo duo ANAVITORIA⁸ a Rita Lee para participar da música “Amarelo, azul e branco”, declamando um poema de Simone de Beauvoir⁹.

No mesmo mês em que a artista lança “Change”¹⁰, sua primeira música inédita em nove anos, ela é ainda homenageada com uma exposição que celebra seus 50 anos de carreira no Museu da Imagem e do Som (MIS) em São Paulo, que só reforça a sua importância no decorrer das décadas, não apenas para a música, mas como um símbolo da cultura brasileira.

A música como forma de conhecimento e reconhecimento possibilita, principalmente neste universo da música e do rock, uma possibilidade real de mudança. Rita Lee usufruiu do espaço conquistado, como forma de criar um lugar de identificação para outras mulheres, e as formas subversivas que encontrou para isto, vão desde as palavras, expressões, temas cantados, até mesmo a forma como se comportava no palco e para além dele.

Cabe trazer nesta reflexão final a importância de se discutir o social a partir de uma perspectiva de gênero. O apagamento das mulheres enquanto figuras e agentes não

Carvalho. Disponível em:< <https://www.papelpop.com/2020/01/letrux-regrava-saude-classico-de-rita-lee-para-o-disco-acorda-amor/>>

⁷ Maria do Céu Whitaker Poças, mais conhecida como Céu, é uma cantora e compositora paulista. Seu estilo é influenciado pelo samba, hip-hop, MPB, afrobeat e jazz. Estreou com o álbum autointitulado “Céu” em 2005, sendo inclusive indicada ao Grammy Awards naquele mesmo ano. Em 2021 lançou o álbum de regravações “Um gosto de sol” que possui canções de diversos artistas brasileiros, entre eles Rita Lee. A canção “Chega mais” de Rita Lee e Roberto de Carvalho do álbum de 1979, é uma das faixas gravadas. Em uma entrevista Céu aponta a importância de Rita na sua carreira, “Rita Lee é uma das nossas grandes feministas, a mulher da música brasileira que peitou os caras desde sempre. Ela é a dona de tudo, de uma São Paulo que deu certo, onde a gente pode ter o rock e a música brasileira em antropofagia completa e perfeita. É uma máquina de hits e sempre trabalhou com muita liberdade. Necessariamente, eu tinha que gravar alguma canção dela quando fizesse um trabalho de intérprete”. Disponível em:< <https://siterg.uol.com.br/cultura/2021/10/15/ceu-estrela-sucesso-de-rita-lee-e-da-pontape-inicial-para-album-de-regravacoes/>>

⁸ ANAVITORIA é um duo brasileiro formado pelas artistas Ana Clara Caetano e Vitória Fernandes Falcão, que tem como base a MPB e o pop.

⁹ “Ao meu passado, eu devo o meu saber e a minha ignorância, as minhas necessidades, as minhas relações, a minha cultura e o meu corpo. Que espaço o meu passado deixa para a minha liberdade hoje? Não sou escrava dele”.

¹⁰ Música de Rita Lee, Roberto de Carvalho e Gui Boratto, lançada como single no dia 23 de setembro de 2021.

é algo novo, os registros históricos que são reconhecidos por muitos como base única de conhecimento dão prova disso, pois como afirma Gerda Lerner (2019) essa compreensão a respeito do mundo social que exclui e apaga as mulheres, chamada de história, é entendida como universal, mesmo que não seja. A mulher sempre existiu, mas a história registra o contrário, onde até mesmo os rastros deixados por essas mulheres são colocados em categorias menos importante, em um sistema dicotômico, que tende a comparar qualquer um dos seus feitos ao dos homens.

A questão de gênero, como analisa Edla Eggert e Márcia Paixão (2011), auxilia a entender e a perceber aquilo que estaria oculto na construção histórica da humanidade, pois quando se opta por realizar uma pesquisa sobre a ótica feminista se tem como objetivo desvelar uma história que marginaliza as mulheres, onde a identificação “natural” do masculino como universal é desfeita, revelando assim um novo olhar sobre a construção do social.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, Miriam. Reformulando narrativas. In: **A Voz e a Escuta: encontros e desencontros entre a teoria feminista e a sociologia contemporânea**. Curitiba: Blucher, 2009.

ADELMAN, Miriam; RUGGI, Lennita. Corpo, identidade e a política da beleza. **Dossiê corpo e identidade**. Niterói, v. 7, n. 2, p. 39-63, 1. sem. 2007 61

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo: Fatos e mitos**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2016.

CIPRIANO, Maria do Socorro. Histórias de amor e traição: a criação do adultério em Campina Grande (1900-1940). In: **Gênero Plural**. Curitiba: Editora UFPR, 2002.

CONNELL, Raewyn. Crescer como masculino. In: **Gênero em termos reais**. São Paulo: Ed. nVersos, 2016.

CSAKY, Mick. **The Godmother of rock ‘n’ roll – Sister Rosetta Tharpe**. 2011. Disponível em: <
https://www.youtube.com/watch?v=FKK_EQ4pj9A&ab_channel=ClaudiaAssef>
Acesso em: janeiro de 2020.

ENROW, Esse tal de Roque: Rita Lee e Tutti-Frutti. Compositor: Paulo Coelho e Rita Lee. In: **Fruto Proibido**. São Paulo: Som Livre, 1975.

FUEGO, Luz del: Rita Lee e Tutti-Frutti. Compositor: Rita Lee. In: **Fruto Proibido**. São Paulo: Som Livre, 1975.

GOMES, Rodrigo Cantos Savelli. Relações de gênero e rock' n' roll: Uma etnografia das bandas femininas. In: **MPB no feminino: notas sobre relações de gênero na música brasileira**. Curitiba: Appris, 2017.

LEE, Rita. **Rita Lee: Uma autobiografia**. São Paulo: Globo, 2016.

LERNER, Gerda. **A criação do Patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.

LORDE, Audre. Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença. In: **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

ORTNER, Sherry B. Poder e projetos: Reflexões sobre a agência. In: **Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas**. Blumenau: Nova Letra, 2007.

MUNDO, Todas as mulheres do: Rita Lee. Compositor: Rita Lee. In: **Rita Lee**. Som livre, 1993.

PAGÃ, Elvira: Rita Lee. Compositor: Rita Lee. In: **Rita Lee**. Som livre, 1979.

PAIXÃO, Márcia; EGGERT, Edla. **A hermenêutica feminista como suporte para pesquisar a experiência das mulheres**. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2011.

PEDRO, Joana Maria. **Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica**. História, vol. 24, n. 1, 2005.

PEREIRA, Carlos Alberto M. **O que é contracultura** – Coleção primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 1986.

REIMÃO, Sandra. “Proíbo a publicação e circulação...” censura a livros na ditadura militar. **Estudos Avançados**. 28 (80), 2014.

TRINGALI, Juliana. Love guns, tigh pants, and big sticks: Who put the cock in rock? **Bitchmedia**, 2005. Disponível em:< <https://www.bitchmedia.org/article/love-guns>> Acesso em: julho de 2021.



VAMPIRO, Doce: Rita Lee. Compositor: Rita Lee. **In: Rita Lee.** Som Livre, 1979.

VOCÊ, Mania: Rita Lee. Compositor: Rita Lee e Roberto de Carvalho. **In: Rita Lee.** Som Livre, 1979.

Recebido em 31 de julho de 2021.

Aprovado em 02 de novembro de 2021.